

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Grupo Folclórico Congada do Parque São Bernardo e seus filhos do rosário

Leila Maria Mendes Santos

Novembro de 2015

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura sob orientação da Profa. Dra. Fabiana Amaral.

Grupo Folclórico Congada do Parque São Bernardo e seus filhos do rosário¹

Leila Maria Mendes Santos²

RESUMO

Este artigo realiza um estudo sobre a Congada do Parque São Bernardo e sua atuação na Festa do Rosário e São Benedito, que acontece uma vez por ano na cidade de Cordislândia, Minas Gerais. Seu propósito é afirmar a importância de se ter resgatado essa tradição, ainda que fora de seu território de origem, a cidade de São Bernardo do Campo. Para tanto, descreve como são as apresentações atualmente na cidade mineira e apresenta uma análise do contexto local antes e depois da criação desse grupo folclórico. O estudo também aborda o processo de migração e sua relação com o fenômeno da cultura popular subalterna. Por fim, também integra esta pesquisa o diálogo com integrantes do grupo por meio de entrevistas.

Palavras-chave: Congada; Migração; Cultura; Resgate; Cordislândia.

ABSTRACT

This article presents a study on the Congada from Parque São Bernardo and its acting on the Feast of the Rosary and Saint Benedict, which takes place once a year in the city of Cordislândia, Minas Gerais. Its purpose is to affirm the importance of rescuing this tradition, even outside of their home territory, the city of São Bernardo do Campo. To that end, it describes how currently the presentations are in Minas Gerais' town and presents an analysis of the local context before and after the creation of this folk group. The study also addresses the migration process and its relationship with the subordinate popular culture phenomenon. Finally, this research also includes dialogue with members of the group through interviews.

Keywords: Congada; Migration; Culture; Rescue; Cordislândia.

RESUMEN

En este artículo se presenta un estudio sobre la Congada el Parque São Bernardo y su actuación en la Fiesta del Rosario y San Benito, que tiene lugar

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Leila Maria Mendes Santos é natural da cidade de Cordislândia, Minas Gerais. Graduada em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008-2012) e aluna do curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura no CELACC, ECA-USP (2013-2015).

una vez al año en la ciudad de Cordislândia, Minas Gerais. Su objetivo es afirmar la importancia de la que tiene hasta rescatado esta tradición, incluso fuera de su territorio de origen, la ciudad de São Bernardo do Campo. Describe cómo actualmente las presentaciones son en la ciudad en Minas Gerais y presenta un análisis del contexto local antes y después de la creación de este grupo de folk. El estudio también aborda el proceso de migración y su relación con el fenómeno de la cultura popular subordinada. Por último, esta investigación también incluye el diálogo con los miembros del grupo a través de entrevistas.

Palabras clave: Congada; Migración; Cultura; Rescate; Cordislândia.

1. Introdução

Esta pesquisa teve como propósito estudar a Congada do Parque São Bernardo e sua atuação na Festa do Rosário e São Benedito, que acontece uma vez por ano na cidade de Cordislândia, Minas Gerais. O grupo foi criado em 1981 pela Família Lemes, em São Bernardo do Campo. De origem cordislandense, a ideia da família inicialmente era restringir suas apresentações somente à cidade natal, porém o grupo foi crescendo, ganhando destaque e atualmente se apresenta por todo o país. Dessa forma, a hipótese investigativa deste trabalho foi analisar qual a importância de se ter resgatado a Congada fora de seu território de origem e como são as apresentações hoje em dia em Cordislândia. Para tanto, foi preciso entender o processo de migração e detalhar todo o contexto da pré-criação do grupo, ainda em Cordislândia, e após a criação do grupo, já em São Bernardo do Campo. Será que mesmo após tantos anos, a sensação ao se apresentar na cidade natal ainda é a mesma do início? Como se sentem os integrantes da Família Lemes ao voltar a um local de lembranças? E para os outros integrantes do grupo, como é essa visão?

O primeiro capítulo, O Grupo Folclórico Congada do Parque São Bernardo, aborda o motivo de sua fundação, a história da Família Lemes no interior de Minas Gerais e também como essa Congada é composta nos dias de hoje. Para chegar a essas informações, os recursos utilizados foram entrevistas com integrantes do grupo.

No segundo capítulo, O Processo de Migração e a Cultura Popular Subalterna, discutiram-se teorias a partir do princípio que leva as pessoas a deixarem a cidade de origem atraídos pelas ofertas das cidades grandes, bem como o “adeus” ou “até logo” a esse local de história e raízes. Ainda nesse capítulo, foram discutidas teorias sobre a história da Congada e o conceito de Cultura Popular Subalterna com base na questão da desigualdade e dos conflitos entre as classes subalternas e hegemônicas. Os itens constantes desse capítulo foram baseados em teóricos como Soledad Galhardo, Paul Singer, Milton Santos, Renata Sales, Amanda Martins, Marianna Monteiro, José Ramos Tinhorão, Maria Nazareth Ferreira, Nestor Garcia Canclini e Rafael Roncagliolo.

No terceiro e último capítulo, Leitura de Campo: o Diálogo dos Integrantes da Congada do Parque São Bernardo com a Cidade de Cordislândia, em uma relação dialógica com os capítulos anteriores pretendeu-se verificar, a partir do trabalho de campo, qual a importância da Congada nos dias de hoje, a sensação de retornar a Cordislândia para apresentações e como os integrantes do grupo que não são da cidade percebem as apresentações no local. Sobretudo, o trabalho visa compreender, após 34 anos de fundação, qual é a sensação de se apresentar em Cordislândia e a importância de se ter resgatado essa Congada.

2. O grupo folclórico Congada do Parque São Bernardo

Os subitens a seguir apresentam informações históricas sobre o grupo, ressaltando-se as diferenças de contexto no surgimento, no passado recente e no momento atual. Também são levantadas questões acerca da migração ocorrida com a tradição original de Cordislândia.

2.1 A fundação

Em 1981 nasce no município de São Bernardo do Campo, mais precisamente no bairro Parque São Bernardo, o Grupo Folclórico Congada do Parque São Bernardo. De origem cordislandense, o grupo foi criado inicialmente com a ideia de restringir sua atuação e apresentação somente à

tradicional Festa do Rosário e São Benedito que acontece uma vez por ano na cidade de Cordislândia, Minas Gerais. A primeira apresentação na terra natal deixou muitos dos integrantes apreensivos. A configuração era inovadora: seus cordões eram compostos em sua maioria por mulheres, apesar de, tradicionalmente, elas conduzirem apenas os estandartes dos santos protetores. Porém, logo o receio cedeu lugar à felicidade em retornar à terra de origem e reatar os laços que durante muito tempo estiveram perdidos.

[...] O primeiro ano que nós foi, nós chego lá nós num sabia se nós punha as menina pá dançá no meio e punha a bateria de lado, ou se punha as menina no cordão, mas aí eu peguei, atinei a viola e saí, e já fiquei lá no meio da rua e o outro também que era o contra-mestre já ficou de lá e as menina já veio, já foram encaminhando, a bateria também já foi pegando o lugar deles atrás, [...] deu tudo certo. O Dito também não queria que as meninas fosse dançando pela primeira vez, ele achava que os outro terno não ia respeitá as menina, né? [...] Elas foi bem respeitada, aí [...] fizemo a cama e não paramo de deitá [...] (CÓRREA, 2005, p. 77)

Cordislândia formava então um tripé: ambiente familiar, religiosidade e festa. O mês de julho era um marco profundo na cultura negromineira, mais precisamente afro-católica.

2.2 O contexto

Antônio da Silva Lemes nasceu no dia 24 de março de 1919, em Cordislândia, Minas Gerais. Casado com Maria do Carmo Ribeiro Lemes, os dois construíram uma família composta por oito filhos, os quais atuam hoje no Grupo Folclórico Congada do Parque São Bernardo e preenchem as mais diferentes posições – dança, canto, ritmo e melodia.

A tradição pela dança é herdada de uma geração à outra na Família Lemes. Sebastião da Silva Lemes, pai de Antônio, dançava Congada quando jovem, embora nunca tenha sido mestre. Antônio, por sua vez, na década de 1950, organizou e dirigiu seu primeiro terno de Congo. Na época, seu grupo contava com vinte e duas pessoas e teve apenas três ensaios antes de sua primeira apresentação. Em um sábado, inauguraram uma barraca na Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Cordislândia. O sucesso foi tanto que no ano seguinte o mesmo grupo se apresentou.

Tamanha foi a repercussão que as apresentações foram crescendo e o terno, conduzido em várias festas.

Anos depois, a família migrou do interior de Minas Gerais para São Paulo. Passaram por Guaratinguetá e Santo André, até fincar raiz em São Bernardo do Campo, em 1971. No início, os Lemes amargaram inúmeras dificuldades na cidade do ABC Paulista. Viveram em barracos sob condições austeras, sem água encanada nem eletricidade. Somente em 1978 conseguiram realizar o sonho da casa própria. Mas havia ainda outro sonho: retornar à cidade de origem. Antônio afastou-se de Minas Gerais durante muitos anos. Havia ressentimentos, feridas não cicatrizadas. Pouco a pouco, estimulado por seu filho mais velho – Benedito, mais conhecido como Ditinho – reatou os laços com sua terra de nascimento. A partir de então, o trajeto de São Paulo a Cordislândia foi feito e refeito várias vezes, sobretudo na Festa do Rosário e São Benedito. Reviram parentes, amigos antigos, recordações vivas e mesclaram-se aos ternos locais, dançaram e cantaram neles.

Em 1980, Ditinho recebeu uma proposta de José – seu irmão mais novo – que causou-lhe espanto: organizar um terno de Congo para festejar o Rosário Cordislandense. Resolveu aceitar o desafio, contudo faltava-lhes estrutura e experiência para realizar o sonho. Logo, recorreram ao pai que os atendeu:

[...] aí ele [Zé] falô: “agora, se o senhor pudesse formar um terno, agora, prá modo nós dançá, junto com o senhor mesmo, hein! Legal, hein!” Eu falei ah, oceis que sabe. Eu não sei, porque eu num formu mais terno por minha conta não, minha paciência já num tá dando não, mas se oceis formá, eu ainda danço coseis, ué! Eu não to morto nenhum! [...] “Mas será que dá certo?” Eu falei, não: dá sim, dá sim. [...] Ele falô: “cume que nós tem que fazê?” Eu falei: óia, agora pela primeira veis [...] que oceis não tem costume de dançá, não tem vóis, num sabe cantá moda, dereito, voceis vão fazê isso: voceis ranja uma bateria [...], boa memo, e isquece de tudo, seis isquece de canturia, de vóis, e tudo, se dé prá cantá canta, se não dé seis ranja uma bateria forte mesmo. Como tudo o que a gente qué fazê, pedindo a Deus, Deus ajuda, né? [...] (CÓRREA, 2005, p. 76)

Embora com as dificuldades existentes devido à ausência de mestre, cantores, dançantes e instrumentos, os Lemes não se deixaram abater. José revelou-se como excelente cantor e tornou-se mestre. Ditinho, por sua

vez, tinha grande habilidade com a dança e tornou-se piloto³. Os homens foram o fundamento da bateria, e as mulheres da família, a base dos cordões. A Escola de Samba Baeta Neves emprestou os instrumentos e o Grupo Folclórico Congada do Parque São Bernardo foi composto por vinte congadeiros.

2.3 O contexto ampliado

O projeto inicial restringia sua atuação somente à tradicional Festa do Rosário e São Benedito de Cordislândia. Mas a partir de então, novas oportunidades para apresentações foram surgindo. Em 1982, o grupo fez outras três apresentações: a de Nossa Senhora da Boa Viagem, a de Carapicuíba e a do Sorvete (ainda em São Bernardo do Campo). A apreensão em se apresentar em outros lugares era presente, pois não sabiam como o público iria reagir. Enfrentaram muitos preconceitos, como conta Ditinho: “eu ainda lembro quando falaram que ‘isso aqui é uma festa religiosa e não é bagunça não; não esqueço essa frase até hoje” (CORRÊA, 2005, p. 81).

E assim, a Congada foi crescendo, conquistando novos dançantes e fazendo cada vez mais sucesso. Fazer parte dela significava aceitar a liderança dos Lemes, os mantenedores da tradição negro-mineira. O grupo conta hoje com cerca de cinquenta integrantes, sendo 60% deles da mesma família, e fazem em média vinte apresentações por ano em todo o Brasil. Além das festas religiosas, se apresentam também em rodeios, casamentos e faculdades. Em Cordislândia, todo mês de julho, na Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, a presença é garantida. Mas será que mesmo após 34 anos de fundação e apresentações por todo o país, a emoção de retornar à cidade de origem ainda é a mesma? Qual a importância de se ter resgatado essa Congada fora da cidade natal? Como é a sensação de se apresentar em Cordislândia? Mesmo longe, a identidade ainda é mantida?

³ Normalmente, o mestre de congada é o líder do Grupo. Entretanto, no que se refere à Congada do Parque São Bernardo, o piloto – Ditinho, o irmão mais velho – é quem coordena.

Alguns estudiosos, como, por exemplo, Soledad Galhardo e Milton Santos, consideram que a migração muitas vezes é provocada pela criação de desigualdades e, por isso, acaba tornando-se forçada. Consequentemente, em sua maioria, as pessoas que deixam o lugar de origem tendem a carregar o desejo de voltar à terra natal onde pulsam seus sentimentos e onde são reconhecidos sem precisar se explicar.

3. O processo de migração e a cultura popular subalterna

Os subitens a seguir abordam o processo de migração e sua relação com o fenômeno da cultura popular subalterna.

3.1 O “adeus” ou “até logo” à cidade de origem

Muitos são os fatores que levam as pessoas a deixarem a cidade de origem em busca de um futuro melhor em um lugar até então desconhecido. Segundo GALHARDO (2003, p. 115), “as migrações internas são provocadas pela criação de desigualdades regionais, acompanhadas pelo processo de industrialização dos moldes capitalistas”. Ou seja, muitas regiões empobrecem enquanto muitas outras enriquecem e são beneficiadas pelo sistema. Em entrevista realizada no dia 12 de setembro de 2015⁴, Ditinho fala sobre essa questão:

“Uma outra coisa foi concentrar todo o poderio industrial no Grande ABC, não podiam ter feito isso. Depois de um certo período, aí o estrago já tava feito. Houve uma concentração de pessoas, né?! Pessoas que não precisam ter vindo pra cá. De Cordislândia mesmo, veio muita gente que não precisava ter vindo pra cá. ‘Ah, Ditinho como você pode falar da vida dos outros?’ Mas aqueles que ficaram, eles não morreram. Nós não merecemos homenagem, merece homenagem quem ficou, senão tinha acabado a cidade. Nós fugimos da dificuldade, mas e aqueles que ficaram lá, como eles sobreviveram? Deviam ter ficado lá. Então veio muita gente pra São Paulo. Houve uma concentração de gente. Eu trabalhei na Volkswagem 10 anos, eu falo por conhecimento, eu nunca trouxe um parente meu pra Volkswagem e não me arrependo. Hoje eu vou pra lá comer um

⁴ LEMES, Benedito da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.). A entrevista completa encontra-se no apêndice do artigo.

franguinho. Viemos nessa ilusão pra São Paulo, criou o modernismo, eu vou pra São Paulo. E nós viemos assim também”.

Notou-se nesse momento que o próprio Ditinho se questiona quanto ao fato de ter deixado sua cidade natal devido a dificuldades encontradas. Para ele, mudar de cidade ou estado não significa garantia de melhor qualidade de vida, afinal, quem continuou lá, sobreviveu.

Singer (1998) acredita que os fatores de migrações são de duas ordens: fatores de mudanças e fatores de estagnação. Os fatores de mudanças acontecem através do processo de industrialização conforme este atinge a agricultura, trazendo inovações e aumentando a produtividade do trabalho. Já os fatores de estagnação são decorrentes da incapacidade dos produtores para elevar a produtividade da terra. Nesse caso, percebe-se que os fatores de mudanças e os fatores de estagnação foram os responsáveis por fazer com que Antonio, patriarca da Família Lemes, deixasse a cidade de origem na esperança de um futuro melhor para os filhos, como conta Ditinho⁵.

Meu pai veio pra cá foi pra sentar tijolo, ser engraxate e minha mãe foi lavar roupa. Fomos se adaptando e ficando. E eu sempre tive um sonho: ajudar meu pai a criar meus irmãos. Porque eu cheguei a ver gente dizer que meu pai trouxe a gente pra São Paulo pra passar fome. Pelo meu pai nós não voltava nunca mais em Minas Gerais, porque uma vez ele foi comprar barra de sabão e o cara não quis vender pra ele. E ele pensava, como que eu não tenho crédito pra comprar uma barra de sabão?.

Embora brigas e ressentimentos também façam parte da decisão de Antonio em deixar a cidade natal, muito se deu pelo fato da busca e anseio por uma melhor qualidade de vida, como completa Milton Santos:

[...]as migrações brasileiras são migrações forçadas, provocadas pelo fato de que o jogo do mercado não encontrou qualquer contraponto nos direitos dos cidadãos. São frequentemente

⁵ LEMES, Benedito da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.). A entrevista completa encontra-se no apêndice do artigo.

ligadas ao consumo e à inacessibilidade a bens e serviços essenciais⁶.

Assim, a história de migração da Família Lemes foi marcada. O “adeus” a Cordislândia durou por volta de 6 anos, como relata Ditinho⁷: “meados de 1971-1972, falei pro meu pai que a gente precisava voltar. Ficamos uns seis anos longe e ninguém sabia onde a gente tava. Então todo ano começamos a ir na Festa do Rosário e chegava lá a gente enfiava nas outras congadas”.

O “adeus” cedeu lugar ao “até logo” na esperança de em breve poder retornar com sua própria Congada, o que de fato aconteceu. Retornaram com toda a essência e origem que nunca abandonaram, mesmo após alguns anos longes. Eles deixaram Cordislândia, mas Cordislândia nunca saiu da vida deles.

3.2 A Congada e a Cultura Popular Subalterna

Fato folclórico e expressão de catolicismo popular, a Congada⁸ é, antes de tudo, uma elaboração histórica que significa festa popular, ligada originalmente às festas de devoção à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, santos relacionados à tradição dos negros. Santa Isabel e Santa Efigênia também são muito homenageadas pelas congadas, visto que Santa Isabel remete à princesa que assinou a Lei Áurea.

Há uma mistura de tradições africanas, principalmente de Angola e Congo, traços culturais do grupo *bantu*, elementos de bailados e representações populares luso-espanholas e até mesmo influência do cancionero francês. Todavia, há algo muito relevante a se ressaltar: esta mistura entre as culturas africanas e portuguesas iniciou-se no continente africano, quando os portugueses iniciam a exploração deste continente no século XV. (MARTINS e SALES, 2015, p. 85)

⁶ Milton SANTOS, *Espaço do Cidadão*, p. 61.

⁷ LEMES, Benedito da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.). A entrevista completa encontra-se no apêndice do artigo.

⁸ Câmara Cascudo define o fato folclórico “Congada”, “Congado” ou “Congo” como um “folguedo de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que diz respeito à religiosidade. Lembra a coroação do Rei Congo e da Rainha Ginga de Angola, com a presença da corte e seus vassallos [...]”. CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10. ed., edição ilustrada. São Paulo: Global, 2001. p. 149.

Monteiro (2011, p. 60) afirma, “o que unifica os diversos congos é a existência de uma representação de poder de natureza teológico-política”. A referência aos santos deixa claro o aspecto teológico enquanto o aspecto político toca a coroação da realeza negra.

As coroações dos reis do Congo constituíram, em verdade, uma projeção simbólica da política missionária desenvolvida em comum pelo poder real e a Igreja portugueses na África e, como tal, representaram apenas um reflexo da nova política posta em prática por D. João II (e depois continuada por D. Manuel e D. João III) em relação aos negócios da África, e que tinham no tráfico de escravos sua atração principal. (TINHORÃO, 2008, p. 108)

No período de escravidão, os negros só podiam realizar cultos religiosos e festas sem serem cercados pelas autoridades administrativas se reunissem em irmandades. A Congada é um teatro de rua, visto que o “preto escravizado” não tinha um teatro, segundo o estudioso Alceu Maynard Araújo. Para Martins e Sales (2015, p. 87), “através desse ‘teatro de rua’, eles estabelecem de certa forma os vínculos com a ‘terra mãe’ por intermédio dos antepassados, simbolizados e encarnados na figura dos reis congos”.

Observa-se então, que existe grande associação entre a história da Congada e o conceito de Cultura Popular Subalterna. Mas o que seria Cultura Popular Subalterna? FERREIRA⁹ explica resumidamente:

1º - o subalterno deve ser considerado como cenário policlassista, que inclui, mas transcende o especificamente proletário;

2º - o popular é próprio das classes subalternas;

3º - o popular caracteriza-se como espaço onde coexistem concepções do mundo herdadas do passado (tradições) e elemento modernizantes, do mundo em formação, como consequência das atuais condições de vida das classes subalternas;

4º - o popular caracteriza-se, ainda, como cenário contraditório no qual coabitam elementos culturais conservadores readaptados e ressignificados nas

⁹ Maria Nazareth FERREIRA, *Os Desafios da Produção Científica no Neoliberalismo: as Culturas e a Comunicação Subalternas*.

concepções de mundo das elites dominantes e elementos transformadores, derivados da *práxis* social das classes subalternas;

5º - o popular é, por definição, histórica e essencialmente oposto ao oficial ou, pelo menos diferente dele.

Ou seja, a Congada historicamente está ligada à Cultura Popular Subalterna visto que apresenta uma concepção particular do mundo e da vida, buscando refletir as manifestações do próprio povo, mais especificamente, do “preto escravizado” pelos conservadores e pela elite dominante da época e até mesmo dos dias atuais.

Para Canclini¹⁰ (1988), existem culturas populares devido à questão da desigualdade. Um dos fatores para que isso aconteça é a apropriação desigual dos bens econômicos e culturais. Outro fator é a interação conflitiva entre as classes subalternas e as hegemônicas pela apropriação dos bens sociais. Ditinho, em entrevista¹¹, conta a história de Chico Rei, um homem que foi rei na África e aqui no Brasil se tornou escravo:

Então, a manifestação em si quando se trata de cultura, porque tem também o que as pessoas falam porque o negro ele foi muito judiado né?! Mas o negro morreu muito mais de saudade da sua história, do que praticamente do físico. Então, a Congada, ela chega no Brasil depois dos jesuítas. Porque o negro morria muito de saudade né?! Tinha negro, por exemplo, Chico Rei, era Rei na África, daqui a pouco ele chega aqui no Brasil ele foi escravo. Já pensou por dentro desse homem, ele via aquele pessoal sendo massacrado e ele não podia fazer nada né?!

Esse fato marca os tempos neoliberais pós-modernos, em que o atual projeto (o neoliberalismo) reforça o sistema capitalista e revela a apropriação desigual. No que se refere à cultura, esse sistema causou graves consequências como “mudanças drásticas na vida cotidiana, privatização e elitização das atividades educativas e científicas, e suspensão do campo

¹⁰ Nestor GARCIA CANCLINI e Rafael RONCAGLILOLO. *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima, IPAL, 1988.

¹¹ LEMES, Benedito da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

cultural”¹². De acordo com Canclini¹³, “los Estados nacionales están limitados por la transferencia de sus poderes de decisión a instancias transnacionales y deslocalizadas”. Em suma, “é a vitória do indivíduo sobre a coletividade”, como diz FERREIRA¹⁴, e completa:

O esvaziamento dos partidos políticos, dos sindicatos e de outras formas de organização popular reestruturou a identidade cotidiana, os sistemas de reconhecimento, prestígio e diferenciação simbólica entre as classes, os quais antes se situavam na vivência social, passando, assim a situar-se na esfera do consumo.

A desigualdade é cada vez mais presente e os conflitos entre as classes são ainda mais comuns. Poucas pessoas têm muito, enquanto muitas não têm nada, o que gera na maioria das vezes o conflito entre as classes. No que se refere à Congada, essas questões estão ativas desde seu surgimento.

Há alguns princípios úteis a serem seguidos nesse sentido, segundo Canclini¹⁵ (1988):

O “massivo” não é completamente estranho ou externo ao “popular” não se define por traços internos ou em repertório de conteúdos tradicionais pré-massivos, mas por uma oposição frente ao hegemônico. É ação concreta, às vezes inconsciente, que as culturas popular-subalternas executam frente à ação hegemônica. É, pois, nesse contexto que será propício o estudo de formas de comunicação verdadeiramente populares, não àquelas experiências de comunicação calcadas nos modelos hegemônicos, mas àquelas que têm um caráter insurgente, justamente porque constroem forma e conteúdo fora dos modelos hegemônicos e até mesmo, de oposição a estes.

Mesmo com a história da Congada durante todos esses anos, a Congada do Parque São Bernardo segue o princípio citado por Canclini acima. Logo, não pertencem aos modelos hegemônicos visto que não dependem de verba ou apoio dos que estão no poder para realizar suas apresentações pelo

¹² Maria Nazareth FERREIRA, *Os Desafios da Produção Científica no Neoliberalismo: as Culturas e a Comunicação Subalternas*.

¹³ Nestor GARCIA CANCLINI. *Mapas de la interculturalidad*. La Jornada, 14 de enero de 2005.

¹⁴ Maria Nazareth FERREIRA, *Os Desafios da Produção Científica no Neoliberalismo: as Culturas e a Comunicação Subalternas*.

¹⁵ Nestor GARCIA CANCLINI e Rafael RONCAGLILOLO. *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima, IPAL, 1988.

Brasil. Percebe-se tal fato na entrevista¹⁶ realizada com Ditinho quando o mesmo se refere a apresentação na Festa do Rosário e São Benedito de Cordislândia:

Esse ano nós tiramos a parte cultural, a parte religiosa da Prefeitura, então todo esse movimento que você tá vendo aí não tem nenhuma verba da Prefeitura, entendeu? Não tem nenhuma verba da Prefeitura. É a comunidade mesmo, meio quilo de arroz, meio quilo de feijão, e voltou aquela coisa assim. Todo mundo falava assim, se não vai ganhar Ditinho, o pessoal perdeu esse hábito. Só que eu digo pro pessoal o seguinte. Não tem dinheiro da Prefeitura? Não, não tem. Aquele que quer ajudar, ele ajuda. Aquele que não quer ajudar ele usa assim, é mais vai sobrar mais dinheiro pro Prefeito usar. Eu falei, mas isso é problema dele. Agora cabe a vocês cobrar dele ué.

4. Leitura de campo: o diálogo dos integrantes da Congada do Parque São Bernardo com a Cidade de Cordislândia

Como estratégia metodológica, optou-se por realizar um trabalho de campo com entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados. Tendo em vista que o presente trabalho teve como objeto de estudo a Congada do Parque São Bernardo e a sensação de se apresentar uma vez por ano na cidade de origem Cordislândia, tornou-se necessário entender o processo de migração que fez com que a Família Lemes deixasse a terra natal em busca de melhores oportunidades na região do ABC. Além disso, foi preciso relatar como surgiu a ideia de criar essa Congada para só assim entender a emoção que uma apresentação na Festa do Rosário e São Benedito de Cordislândia pode trazer aos integrantes do grupo.

O trabalho de campo foi realizado na Festa do Rosário e São Benedito de Cordislândia em julho de 2014 e na Comunidade Parque São Bernardo, localizada em São Bernardo do Campo, em setembro de 2015. Foram entrevistados seis integrantes da Congada do Parque São Bernardo, sendo dois deles pertencentes à Família Lemes e os outros quatro não pertencentes.

¹⁶ LEMES, Benedito da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

Os elementos aqui apresentados foram frutos da realização desse trabalho de campo em que foi possível perceber e comprovar a importância da cidade de Cordislândia no surgimento e construção da Congada do Parque São Bernardo. Questões como migração, preservação da identidade, cultura local e união da Família Lemes com a comunidade do Parque São Bernardo também foram apresentadas, a fim de evidenciar como esse resgate da cultura mineira foi importante para os integrantes do grupo.

Ficou comprovado como as apresentações realizadas em Cordislândia afloram os sentimentos dos integrantes do grupo se comparadas com as outras apresentações realizadas pelo país. Notou-se tal importância dada à cidade mineira desde que surgiu a ideia de criar a Congada do Parque São Bernardo. Ditinho deixou claro em entrevista¹⁷ realizada:

E a saudade que a gente sentia de Minas?! Nossa, era demais! A gente queria tá lá apresentano, participano e eu comecei a ficar falando pro meu pai que a gente precisava voltar. Era uma maneira de resgatar a Congada que já tá no nosso sangue né, desde a época do meu avô, e de ainda rever os parentes, os amigos, que ficaram pra trás.

E completou: “essa mudança de cidade no começo não foi fácil, e a Congada depois de um tempo que surgiu, foi um meio de preencher esse vazio que tomava conta da gente”. Nesse momento, ficou nítido como o surgimento do grupo foi motivado pelo resgate da identidade de origem a fim de construir laços de pertencimento ao local. Passados 34 anos desde a fundação, o carinho de Ditinho¹⁸ pela cidade mineira ainda continua:

Não, aqui é emoção, aqui é emoção, aqui você vem agradecer né?! Você anda pelas ruas e você fala assim né, poxa vida, porque que meu tio não tá aqui né, vivo aqui, pra andar comigo aqui. Meu pai, meus avós, já pensou meus avós. Não, aqui não, aqui é emoção, razão, emoção mesmo. Num tem televisão, num tem nada aqui. E cada apresentação uma história né?!

Luiz da Silva Lemes, o caçula da Família Lemes, embora não tenha tantas lembranças como o irmão Ditinho, fez questão de frisar a importância das apresentações em Cordislândia e a vontade de trazer aquela

¹⁷ LEMES, Benedito da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

¹⁸ Ibidem. 20 jul. 2014.

cultura do interior para a cidade grande, muitas vezes sem sucesso, como contou em entrevista¹⁹:

A emoção não tem nem comparação com as outras apresentações que fazemo aqui. A gente até tenta passá aquela devoção aos santo, aquela cultura mesmo lá de Minas, mas não é a mesma coisa né?! A gente se apresenta aqui, não é uma apresentação, é mais um espetáculo. Lá não, lá a gente vai pra participar da festa, de uma festa religiosa, aí já é uma outra situação. Lá é a festa do Congo.

Grande parte do que a Congada do Parque São Bernardo foi e ainda é, com sua migração e preservação da identidade, deve-se também ao fato da união que essa mesma Congada trouxe à Família Lemes, como completa Luiz em entrevista²⁰:

A minha maior importância que eu vejo na Congada é o seguinte, a gente tá passando pras criança, pros filho hoje, já tenho um neto que dança, minha filha dança. Então a gente se preocupa muito em ter a família muito unida, sempre unida. Igual nós somos em oito irmãos, então nós sempre andamo. Nós temo o Ditinho que mora mais longe daqui, mora aqui a uns 200 metros, o restante mora eu aqui, minhas irmã, meu irmão, então a gente teno a Congada como a base familiar pra gente. A gente tá sempre unido e vai passando pros netos. Todo mundo se restringe à casa da minha mãe e eu acredito muito que seja por causa da Congada essa união nossa, a Congada fortaleceu mais ainda.

Notou-se aqui que um dos fatores que fez com que os integrantes não perdessem a essência dessa cidade de origem foi justamente a união que a família carrega e faz questão de manter.

Mas a Congada do Parque São Bernardo é um fator de união não só entre a Família Lemes como também entre outras famílias que moram no Parque São Bernardo. O carinho e união presentes na comunidade são nítidos, basta apenas conversar com outros integrantes que não pertencem à Família

¹⁹ LEMES, Luiz da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 12 set. 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

²⁰ LEMES, Luiz da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015.]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 12 set. 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

Lemes para perceber. Dona Lizia²¹, em entrevista, falou da gratidão para com essa família e sobre a emoção de se apresentar em Cordislândia.

Eu nasci e me criei na Bahia né?! Quando cheguei aqui em São Paulo, isso aqui era só barraco, não tinha casa, era barraco. Quando nós compro esse terreno, parede meia com a casa deles também, era barraco, não era casa. O pai dele que construiu a minha casa. Ele, meu esposo e o Zé que ajudava né?! Dito era rapaizinho jovem, o Luiz que é o esposo da minha filha, então a família reunida, um casou com a minha filha e nós somos a família completa.

E continua: “Adoro. Se eu pudesse eu vivia viajando direto pra lá. Cordislândia é bom demais, nossa. O povo que mora lá também, são umas pessoa bacana né?! É minha família né?! Que é aqui mesmo em São Paulo a família que eu tenho é eles aqui!”. Sua filha Marinalva, mais conhecida como Lia, participa da Congada do Parque São Bernardo desde a adolescência e foi nessa época que começou a namorar Luiz. Lia e Luiz têm uma filha de 25 anos e um neto de 4 anos que também são integrantes do grupo. Em entrevista²², ela falou sobre como é se apresentar em Cordislândia:

É uma emoção pra gente. A gente fica o ano inteirinho falando da Festa do Rosário e quando chega no mês é aquela expectativa e correria pra comprar uma roupa nova, um sapato novo, tudo por causa da festa né?! Tanto também porque tem a tia nossa lá, tinha os tios que já foram também, tem a tia Nona, mas é a devoção da gente mesmo, é aquela festa, a gente foca só naquela festa. Fica o ano inteirinho falando da festa: ah a Festa do Rosário, a Festa do Rosário. Tem as outras apresentações mas não é a mesma coisa do que Minas, você ficar os quatro dias lá dançando.

A paixão pela dança vai passando de uma geração à outra, como continua Lia²³: “a minha filha é apaixonada, o meu netinho você precisa de vê ele tocando. Ele toca, dança, com 4 anos, fez 4 anos agora. Tá no sangue né, porque o pai dela, a mãe, a família toda, e ele também né?!”.

²¹ OLIVEIRA, Lizia Souza de Oliveira. **Entrevista** [12 SET. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 12 set. 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

²² OLIVEIRA, Marinalda Souza de. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. Entrevista com Marinalva Souza de Oliveira. São Bernardo do Campo, 12 set. 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

²³ Ibidem. 12 set. 2015.

Paulo²⁴, que está na Congada do Parque São Bernardo desde 1983, cita Cordislândia não como um lugar em que os integrantes se emocionam, mas como um lugar em que as pessoas que moram atualmente lá se emocionam ao ver grupo se apresentar e possuem um vínculo religioso maior.

Tem a parte religiosa também né, que eu acho que é a mais importante, principalmente nas festas em Minas, eu acho que o vínculo religioso é muito forte. Tanto nas apresentações aqui, mas aí você já não tá fazendo aquela apresentação, não tem aquele vínculo como lá né?! Lá você tá louvando Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, então a parte espiritual tem um contexto maior.

Por fim, para reforçar ainda mais que as apresentações em Cordislândia são regadas por lembranças, saudades e emoções, dona Vilma²⁵, que já está há 15 anos na Congada do Parque São Bernardo, completa: “ah eu acho que fica sim porque a família, inclusive eles espera muito também né, a turma aqui de São Bernardo lá. Então é uma coisa assim sabe, que eles tão esperando, se sente mais família né?! Lá em Cordislândia eles se sentem mais em casa”.

5. Considerações finais

No decorrer da pesquisa, foi possível comprovar a hipótese investigativa apontada no presente artigo: resgatar a Congada do Parque São Bernardo longe de Cordislândia significa se aproximar da cidade mineira e preservar a cultura local que é essencial para os integrantes do grupo.

Embora a migração da Família Lemes, do interior de Minas Gerais para a Grande São Paulo, tenha sido motivada pela busca de melhores condições de trabalho e vida, os traços culturais característicos da terra natal não foram extintos, pelo contrário: é essa cultura, e sua manifestação por meio da Congada, que mantém presentes os laços com a cidade de Cordislândia.

²⁴ OLIVEIRA, Paulo Fernandes. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

²⁵ SOUZA, Vilma Cunert.. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

Esse desejo de manter viva a cultura trazida para a cidade grande propicia ainda a divulgação e expansão da manifestação cultural para outros locais do Brasil, tendo em vista que a Congada do Parque São Bernardo faz em média vinte apresentações por ano em todo o país.

Além disso, foi possível perceber que o desejo de manutenção da cultura popular, bem como os processos migratórios, estão relacionados às desigualdade sociais, pois ambos são manifestações da busca das classes subalternas em se afirmar diante das classes hegemônicas, com o objetivo de diminuir tanto a apropriação desigual de bens econômicos quanto da própria cultura.

Concluiu-se, dessa forma, que a Congada do Parque São Bernardo, além de preservar as origens locais já citadas acima, sempre visou, no decorrer de seus anos de fundação, manter a união entre a família para que essa manifestação seja transmitida de uma geração a outra a fim de difundir cada vez mais essa festa popular pelo interior do país.

Alguns valores como união, simplicidade, coragem e fé, são lições proporcionadas pela pequena convivência com integrantes do grupo. Uma experiência que reflete a riqueza que existe por trás de uma família de amigos, a Família Lemes, da Congada do Parque São Bernardo.

Referências

ALEM, João Marcos. Apresentação. In: TOMAZ, Laycer. **Da Senzala à Capela**. Brasília: EdUnB, 2000.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

CANCLINI, Nestor Garcia; RONCAGLILOLO, Rafael. **Cultura Transnacional y Culturas Populares**. Lima: IPAL, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed., edição ilustrada. São Paulo: Global, 2001.

CORRÊA, Jefferson Dias. **O Grupo Folclórico Congada do Parque São Bernardo e a Construção da Liberdade**. 2005. Dissertação (Mestrado em

Ciências Sociais: Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **Introduction: the Discipline and Practice of Qualitative Research**. 2 ed. Thousand Oaks: Sage, 2000.

FERREIRA, Maria Nazareth. Os Desafios da Produção Científica no Neoliberalismo: as Culturas e a Comunicação Subalternas. **Comunicação & Informação**, v. 9, n. 2, jul. 2006, p.144-155.

GALHARDO, Soledad. **A Formação de Novos Sentidos na Cidade: Mídia e Processos Culturais**. 2003. Tese (Doutorado em Cultura e Comunicação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

MARTINS, Amanda; SALES, Renata. **ABC da Cultura Popular**. São Bernardo do Campo: Lamparina Luminosa, 2015.

MAYNARD, Alceu Araújo. **Cultura Popular Brasileira**. 2 Ed: São Paulo: Melhoramentos, 1973.

MONTEIRO, Marianna. **Dança Popular: Espetáculo e Devoção**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal**. São Paulo, Record, 2002.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. São Paulo, Contexto, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **Os Sons dos Negros no Brasil. Cantos, Danças Folgadas: Origens**. São Paulo: Editora 34, 2008.

Fontes orais

LEMES, Benedito da Silva. **Entrevista** [20 jul. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.). A entrevista completa encontra-se no apêndice do artigo.

LEMES, Benedito da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.). A entrevista completa encontra-se no apêndice do artigo.

LEMES, Luiz da Silva. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 12 set. 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

OLIVEIRA, Lizia Souza de Oliveira. **Entrevista** [12 SET. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 12 set. 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

OLIVEIRA, Marinalda Souza de. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. Entrevista com Marinalva Souza de Oliveira. São Bernardo do Campo, 12 set. 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

OLIVEIRA, Paulo Fernandes. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

SOUZA, Vilma Cunert.. **Entrevista** [12 set. 2015]. Entrevistadora: Leila Maria Mendes Santos. São Bernardo do Campo, 2015. 1 arquivo. Mp3. (60 min.).

APÊNDICE – ENTREVISTAS

São Benedito, ele é o nosso companheiro
e das Congadas ele é o padroeiro
esta festa neste local é famosa
ela é uma linda rosa
agradecemos aos festeiros.

Oi, viva o sol, viva o caminho da lua
viva as estrelas brilhando cor de amora
eu sou devoto de São Benedito
sou afilhado de Nossa Senhora
(Cântico de domínio público).

Entrevista com Benedito da Silva Lemes, Cordislândia, 20 jul. 2014.

Qual a sensação de apresentar aqui em Cordislândia, que é a terra natal de vocês e em outro lugar, na cidade grande. Você vê diferença ou você acha que é a mesma coisa apresentar aqui quanto em outro lugar? Aqui leva emoção, como é?

Não, aqui é emoção, aqui é emoção, aqui você vem agradecer né?! Você anda pelas ruas e você fala assim né, poxa vida, porque que meu tio não tá aqui né, vivo aqui, pra andar comigo aqui. Meu pai, meus avós, já pensou meus avós. Não, aqui não, aqui é emoção, razão, emoção mesmo. Num tem televisão, num tem nada aqui. E cada apresentação uma história né?! Agora aqui você toma água da bica né, você vem buscar anticorpos. Aqui você vem buscar anticorpos.

Que legal! E vocês só apresentam aqui na Festa do Rosário, uma vez por ano?

É, aqui é uma vez no ano.

E quantas apresentações vocês fazem anualmente, em média assim?

Na média 20 apresentações no ano. No Brasil todo. Isso assim, pra eu não atropelar. Senão eu não consigo atender as demandas.

E nas Festas do Rosário nas cidades vizinhas, vocês vêm também ou não?

Até uns oito anos atrás, a gente vinha e tal, mas também começou a perder a essência, começou a perder a identidade né?! Aí você começa a fazer um trabalho pela metade, né?! É shows, Monsenhor Paulo até acabou. Aquilo que eu tava te falando, o Poder Público quer realizar, e quando ele começa a querer realizar, aí perde a identidade. E quando perde a identidade aí não dá prazer. É uma pena!

Deixa eu entender, a Congada é uma manifestação em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Vocês só se apresentam em Festa do Rosário e São Benedito?

Não, não! Rodeios, casamentos, faculdades. Temos também apresentação assim, que é marcante pra nós né, que eu tenho uma escola de samba, Grêmio Recreativo Escola de Samba Renascente de São Bernardo. É, eu sou Presidente da escola de samba. Fazemos fantasias, tudo. Nós só levamos pra avenida temas sociais, falando da questão social, da questão do país. E então, vários né, desfiles. Inclusive alguns secretários são resistentes né?! Mas Congada? Aí eu não, mas essa Congada é do Ditinho, ela faz a diferença.

Mas precisa divulgar mais, porque eu vejo e eu moro em São Paulo hoje em dia. Muita gente não sabe o que é Congada, não conhece e nunca ouviu falar. É mais quem é do interior assim que já viu e conhece. Mas muita gente ainda não conhece. Precisava ser mais divulgado.

Então, é uma outra coisa também que é um complicador né?! Porque assim, quando a pessoa fala assim eu nunca ouvi falar, porque é muito divulgado. Você entra lá Congada. Então a pessoa usa isso como uma forma que tem que divulgar mais né?! Nós não estamos na mídia, pra mídia não é interessante. Hoje, tem muitas empresas que querem patrocinar. Eu não quero né?! Porque a partir da hora que vem o patrocínio, vem as regrinhas, a criança de dois anos não pode.

Vocês tem crianças de 2 anos na Congada aqui?

Tem, tem meu neto. A minha mãe com 87 anos caminha junto. Ah não, mas pessoa de idade não. Então começa a te impor algumas regrinhas, as cores.

Vocês mudaram, eu vi que vocês mudaram as cores. Eram amarelo e vermelho.

Era amarelo e vermelho.

Por que vocês mudaram?

Esse ano a gente deu né, a gente quis dar uma inovada. Mas amarelo, ontem inclusive a gente saiu de amarelo né?! Todo ano eu mudava, todo ano.

Mas tem um motivo específico, a cor em si dessa vez agora? Por algum motivo é essa cor?

O motivo dessa vez, dessa cor, dessa farda, esse ano em si, esse ano nós tiramos a parte cultural, a parte religiosa da Prefeitura, então todo esse movimento que você tá vendo aí não tem nenhuma verba da Prefeitura, entendeu? Não tem nenhuma verba da Prefeitura. É a comunidade mesmo, meio quilo de arroz, meio quilo de feijão, e voltou aquela coisa assim. Todo mundo falava assim, se não vai ganhar Ditinho, o pessoal perdeu esse hábito. Só que eu digo pro pessoal o seguinte. Não tem dinheiro da Prefeitura? Não, não tem. Aquele que quer ajudar, ele ajuda. Aquele que não quer ajudar ele usa assim, é mais vai sobrar mais dinheiro pro Prefeito usar. Eu falei, mas isso é problema dele. Agora cabe a vocês cobrar dele ué. Quanto você gastava com a Congada? Ah, eu gastava 20 mil, 30 mil. Então, esse ano você não gastou. Onde tá esse dinheiro? Cabe a vocês como disse. Aí eles falam, você tem que mudar pra cá Dito. Não, gente. Mudar, por que? Então aí nós mudamos, a farda foi por isso. A outra é uma característca, um marco, até o próprio folclore né?!

E quantos integrantes tem a Congada hoje?

Hoje 50 integrantes. Existe essa rotatividade mesmo né?! Uns vão pra outra religião né?! Aí hoje nós somos 60% da mesma família. Todo mundo mora em São Bernardo, aí tem meus filhos, tenho um filho de 36 que é médico e tá na Congada, aí nós vamos fazendo a coisa acontecer.

Você já falou um pouco, mas eu queria que você falasse um pouco mais. Como que você vê a manifestação hoje em dia e esse trabalho que vocês realizam?

Então, a manifestação em si quando se trata de cultura, porque tem também o que as pessoas falam porque o negro ele foi muito judiado né?! Mas o negro morreu muito mais de saudade da sua história, do que praticamente do físico. Então, a Congada, ela chega no Brasil depois dos jesuítas. Porque o negro morria muito de saudade né?! Tinha negro, por exemplo, Chico Rei, era Rei na África, daqui a pouco ele chega aqui no Brasil ele foi escravo. Já pensou por dentro desse homem, ele via aquele pessoal sendo massacrado e ele não podia fazer nada né?! Porque o líder nasce né?! Não se cria líder, se cria pessoa autoritária, não líder. Porque o líder ele nasce né?! No sangue dele já tem aquela coisa de liderança né?! De querer compartilhar com o outro e tal. Imagina? Chegar a época daquelas festas lá no Congo e tal, a mesma coisa do meu pai em São Bernardo, já pensou quando ele lembrava, meus irmãos tão dançando lá né, e eu tô aqui né?! Imagina que saudade! Então os jesuítas começaram a fazer a Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Porque se fala que o negro aceitou o catolicismo no Brasil. É mentira! O negro aceitou o catolicismo, mas pelo poder. A Igreja Católica tem poder e impunha. Mas só que não veio o poder, não veio o poder, infelizmente. Eles nos tirou isso. Aí nos puseram uma santa, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito né?! Mas o que que fazíamos? Colocávamos os patuá embaixo dos santos, então quando o senhor chegava achava que nós tava louvando a imagem, nós tava louvando o patuá que tava embaixo dos santos. Então é uma forma do oprimido, sair da opressão né?! Criar mecanismo, ele tem que criar mecanismo. E, e aí, o que aconteceu? Começou a ter a Rainha Conga, aí os jesuítas faziam as festas.

Não tinha história dos jesuítas das lutas contra os mouros?

Isso, exatamente! Dos cristãos e dos mouros né?! Mas aí foi uma coisa que trouxeram pra nós e eles colocaram. Porque aí a Congada começou a fazer né, os bastões tá entendendo?! Os bastões, os mouros. Porque Carlos Magno foi o primeiro imperador a se tornar cristão. Então existia uma luta. Então cada tribo que ele conseguia libertar ou aprisionar, ele brigava com você. Então tinha essa coisa. Mas também foi usada naquilo que você tá dizendo, dentro da sociedade, qual a importância dessa manifestação? O que essa manifestação representa pras pessoas? O que que pode transformar? Então eu quero chegar aí. Aí eles começaram a coroar, a fazer a festa. Então vinham da fazenda de lá, nós éramos assim, meu pai ficava aqui, minha mãe ficava na outra fazenda, e eu ficava em outra. Então fazia a festa e aí que nossa família se encontrava né? No dia né? E aí então a pessoa voltava na sua história né? Como é hoje por exemplo né? Eu tô aqui, mas eu tô vendo meu tio ali né? Em pé ali com a coroa, minha tia aqui né, cuidando das criança né, que até teve um dia que o

Paulo Osório queria ir com ele e aí minha tia falou pra ele, falou, não ele vai trabalhar, aí o Paulo Osório perguntou pra mim, mas o pai já não trabalhou hoje, durante o dia? Aí ela falou, não, agora a noite ele é funcionário de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Isso é muito profundo pra gente. Né? Isso é uma coisa muito né, profunda pra gente. A gente chega, a gente as lágrimas né? É muita, é muita né? E aí, então isso acontecia com a gente. Então quando dava nos dias das festas as fazendas liberavam os escravos e reunia ali. Então aquilo foi amenizando né, e foi amenizando e foi também fazendo que as pessoas de comunicarem. E quando as pessoas começam a se comunicar, existe uma preocupação muito grande em quem? Em quem domina. Né? Quando você começa a comunicar, tanto é que numa sala de aula por exemplo se tem uma pessoa que a professora as vezes ela tem um conhecimento mais diferente, ela olha aquele que é o articulador da sala, que tá sempre conversando, ela. Mas muitas vezes ela pune ele, né? Ah é você que põe a sala a perder. Porque que ele põe a sala a perder? E aí começou os encontros né?! Eu encontrava meu pai com mais frequência, encontrava a minha mãe, nós começamos a ter uma identidade. então essa manifestação, a cultura ela nos traz isso né? E quando tira isso das pessoas, né, e até as pessoas confundem, né, poder com prestígio. Poder é uma coisa, poder é uma coisa que passa, poder passa, sou prefeito hoje, amanhã não sou mais, ou o que eu fiz é até esquecido ou não. Agora o prestígio não, porque o prestígio ele me dá condições de conviver com as pessoas sem preocupar e sem as pessoas também esperar de mim né? Então e isso, é através da comunicação. Então essas manifestações elas vão. Agora o que alegra e me deixa muito feliz é saber que elas estão voltando né? As pessoas já começaram né, até umas brincadeira que já existia antigamente, que o pai com a mãe já era, né, não, pra que bença, pra que senhor. Não, isso é bobagem, isso é cultura né?! Então quiseram mudar a nossa cultura né? Bom dia, boa tarde, né? Tem gente que fala bom dia pra ele e ele responde, mas a vontade dele é dizer assim, só se for pra você. Então né? É a questão da cultura, a cultura vai perdendo, e nós vamos ficando um país, uma sociedade, uma humanidade da forma que está. Então é, as manifestações são importantíssimas pra auto-estima das pessoas né?! Daqui a pouco a menina não pode né, não tá no baile, mas a Conga dá condição pra ela, pra arte dela, dançar. O jovem também né, quantas vezes ele não tá no baile ou através da Congada, ou através do Carnaval, ou através, sei lá, né, porque é forte essa coisa né?! Porque hoje a gente olha por exemplo, as festas que nós vamos né? As pessoas não contentam mais sentar na mesa pra tomar uma cerveja. Ele quer andar com a cerveja, ele tem que andar, ele tem que exhibir aquilo, olha que tristeza né?! Antigamente não, as pessoas sentavam, tomavam uma cervejinha, batendo papo, conversando né. O garçom, por gentileza, mais uma pra nós aqui né? Hoje não, ele pega na rua né, e quando termina ele joga na rua. Um constrangimento que algo possa cair e ali ele tá mostrando o reflexo da pessoa que ele é né? Então, vai por aí a fora né? Ah, mas as manifestações elas têm que acontecer né? E principalmente

quando as pessoas, as raízes né? Porque você vai num médico por exemplo né, na sua família tem alguém que tem pressão alta né, então não é só na medicina né, se na medicina é importante seu DNA, imagina a sua história. Quem foi seu avô? Sabe que eu não sei. Nossa, difícil né? Quem foi sua tia? O que sua tia fazia? Não sei. É doído né? Aí você fica o que? Nós ficamos vulneráveis a qualquer história. Porque quando eu falo, não, eu gosto de Congada. O meu filho quando tava na faculdade, teve professor que falou 'você não precisa falar não que você gosta de Carnaval não', porque? Porque ele estudou na Federal né? Então lá tá a elite. Mas o que esse menino da periferia tá fazendo aqui? O que esse negro tá fazendo aqui? Entre oitenta alunos, só tinha ele de negro. Agora o cara chega contando a história dele, não, não precisa contar. É, teve um dia até que eu fui na reunião dele e aí, quando eu tô saindo, guardei meu carro, tô saindo, um cidadão gritou pra mim 'ow, abre o portão pra mim aí, aí, ow, abre o portão pra mim aí', eu olhei pra um lado, olhei pra outro, falei nossa, ele tá falando comigo. Aí eu fui lá, mas porque que eu tenho que abrir o portão pro senhor? 'Ô, mas o senhor não é o porteiro?'. Falei, porque que eu tenho que ser o porteiro? É porque né? Então vê, eu enfrentando isso, já pensou meu filho? Né? A dificuldade que. E as professora querendo, pensando que tava ajudando ele né? Ah, não conta essa história não porque pode chegar na hora ninguém aqui gosta. Imagina quando você falou que ia pesquisar a Congada? A Congada? Ah não, pesquisa outra coisa.

Não, mas eu tive sorte que lá na faculdade o curso que eu tô fazendo na lá USP, eles gostam muito dessas coisas assim. Cada um tá falando de um tema, de uma manifestação. E a minha orientadora ela é do interior também, é de uma cidade de Minas que eu não lembro o nome, então ela falou que quando ela leu o meu projeto, ela lembrou muito da cidade dela, porque na cidade dela também tem Congada né? E aí ela falou, conversa com eles e pergunta. Essa parte que eu falei que vocês moravam aqui, que eram daqui e mudaram pra São Bernardo, ela falou assim: vê porque eles devem ter saído de lá por causa de dificuldade pra ter ido pra uma cidade maior. É exatamente! Aí ela até achou que vocês tivessem ido pra lá trabalhar na parte das indústrias de São Bernardo. Teve uma época que muita gente foi pra São Bernardo pra trabalhar em indústria né?

É, mas a maioria que saía pra indústria já era de maior, saía com vinte anos daqui, uns até alterava a idade pra né? Mas quem foi, o trabalhador na época era meu pai, eu tinha onze anos né, mas depois com dezenove anos eu fui pra Volkswagem né? Trabalhei dez anos na Volkswagem, fiz parte do sindicato. Depois trabalhei mais três anos na outra metalúrgica, ao todo eu trabalhei vinte e cinco anos, na Prefeitura né? Trabalhei quarenta anos e sete dias. Agora tô aposentando e. Eu tenho outros projetos né? Eu tenho um projeto com mais de mil e duzentos jovens.

Do que?

No geral, num todo né? Na auto-estima, na questão de educação, construímos um espaço, a família construiu um espaço e lá nós fazemos. Nós temos um, não sei se você chegou a ver, no dia do Natal, almoço pra cinco mil pessoas.

Não. Não é a Noite de Tambores não?

Não. Na Noite de Tambores nós vamos fazer apresentação. Agora esse é no dia do Natal. Se você pesquisar Ditinho da Congada aparece lá almoço comunitário. Temos também, estamos rezando e pedindo a Deus, pra que um dia ninguém precise pedir um prato de comida. Mas enquanto não tivemos, nós vamos oferecendo as refeições diárias para os moradores de rua. Vinte no almoço e vinte na janta, em São Bernardo. Nós temos é, também uma, é, parceria com algumas mini empresas. Quando assim, alguém tá com dificuldade com médico, nós ajudamos, o fulano, queremos passar alguém no médico ajuda aqui, então a gente faz essa parceria também. Temos também na Festa da Consciência Negra né, que nós mesmos patrocinamos, até pra você pode fazer as intervenções que tem que ser feita né? Então a gente, hoje a Congada eu agradeço muito a Deus mesmo né? Que através da Congada me deu né, o que eu sou hoje né? Não sei se um dia a gente sentaria pra conversar né? Mas graças a Congada que nós tamo aqui falando de uma história, da minha história e eu feliz da vida porque eu sei que alguém que vai pra academia lá, não vai esquecer da gente aqui né? E pra todos eu falo né? As vezes quando eu vou na faculdade, eu sempre falo pro pessoal, 'olha gente, tô dando uma entrevista pra vocês, mas quando vocês estiverem lá, não esqueçam da gente aqui não. É, fala da gente'. Quando alguém falar que o Folclore é coisa pejorativa, não é não, né? Porque nós precisamos dessa. Nós temos a Escola de Samba também e hoje nós estamos trabalhando pra tornar a Congada uma fundação. Porque o que que nós queremos? Nós queremos dar o suporte pras Congadas.

Entrevista com Benedito da Silva Lemes, São Bernardo do Campo, 12 set. 2015.

Me conta um pouco sobre a vinda de vocês aqui pra São Bernardo?

Uma outra coisa foi concentrar todo o poderio industrial no abc, não podia ter feito isso, depois de um certo período, aí o estrago já tava feito. Houve uma concentração de pessoas, né, pessoas que não precisam ter vindo pra cá. De Cordislândia mesmo, veio muita gente que não precisava ter vindo pra cá. Ah, Ditinho como você pode falar da vida dos outros, mas aqueles que ficaram, eles não morreram. Nós não merecemos homenagem, merece homenagem quem ficou, senão tinha acabado a cidade. Nós fugimos da dificuldade, mas e

aqueles que ficaram lá, como eles sobreviveram? Deviam ter ficado lá. Então veio muita gente pra São Paulo. Houve uma concentração de gente. Eu trabalhei na Volkswagen 10 anos, eu falo por conhecimento, eu nunca trouxe um parente meu pra Volkswagen e não me arrependo. Hoje eu vou pra lá comer um franguinho. Viemos nessa ilusão pra SP, criou o modernismo, eu vou pra SP. E nós viemos assim também. Meu pai veio pra cá foi pra sentar tijolo, ser engraxate e minha mãe foi lavar roupa. Fomos se adaptando e ficando e eu sempre tive um sonho: ajudar meu pai a criar meus irmãos. Porque eu cheguei a ver gente dizer que meu pai trouxe a gente pra SP pra passar fome. Pelo meu pai não nos voltava nunca mais em Minas porque uma vez ele foi comprar barra de sabão e o cara não quis vender pra ele, ele pensava, como que eu não tenho crédito pra comprar uma barra de sabão. Meados de 71, 72, falei pro meu pai que a gente precisava voltar. Ficamos uns 6 anos e ninguém sabia onde a gente tava. Então todo ano começamos a ir na festa do rosário e chegava lá a gente enfiava nas outras congadas.

E como foi esse processo de deslocamento pra cidade grande? Foi fácil a adaptação? Vocês sentiam muita falta de Cordislândia?

liii, nossa... e a saudade que a gente sentia de Minas?! Nossa, era demais! A gente queria tá lá apresentano, participano e eu comecei a ficar falando pro meu pai que a gente precisava voltar. Era uma maneira de resgatar a Congada que já tá no nosso sangue né, desde a época do meu avô, e de ainda rever os parentes, os amigos, que ficaram pra trás. Mudar pra cá? Ah, nossa, essa mudança de cidade no começo não foi fácil, e a Congada depois de um tempo que surgiu, foi um meio de preencher esse vazio que tomava conta da gente. A gente tinha na Congada uma base, um apoio mesmo, pra lembrar daquele lugar.

Entrevista com Luiz da Silva Lemes, São Bernardo do Campo, 12 set. 2015.

Natural de Santo André e com dois anos vim morar aqui em São Bernardo, nesse lugar aqui.

E tá aqui desde então?

45 anos.

E desde pequeno você já começou a se apresentar na Congada junto com seus irmãos?

Desde quando formou, eu tinha 11 anos.

E ia sempre pra Cordislândia também? Porque começaram a se apresentar lá né?!

Correto. A nossa primeira apresentação foi em Cordislândia, porém antes disso a gente já participava da festa, a gente ia lá pra tá vendo a festa, bem no comecinho, todo ano quando dava a data da festa nós íamos pra lá. Aí meu irmão decidiu montar a Congada e foi nossa primeira apresentação em Cordislândia.

Vocês iam pra lá pra ver os parentes e tudo?

Isso e participar da festa também né, que é muito gostosa, a gente gosta pra caramba. Inclusive no passado, meu tio era o rei perpétuo da festa né?! O Paulo Flausino. Então muito mais importante pra gente tá indo lá também.

Eu sei que você era novo, tinha 11 anos só, mas você sabe qual foi o objetivo que eles retomaram a Congada? Porque já teve, há muito tempo atrás e depois seus irmãos retomaram né?!

Sim. Tinha meu pai, meus tios, eles tinha Congada. Depois meu pai veio pra cá, meus tios também foram se afastando um pouco aí, meu irmão, o Ditinho, meu irmão mais velho, eles iam e acabavam dançando em outras Congadas, aí meu pai conversou e falou: ah, por que não forma uma Congada pra gente mesmo? Aí foi onde deu a ideia de formar a Congada do Parque São Bernardo.

E quando vocês se apresentam lá, você sente uma emoção diferente mesmo você sendo aqui de Santo André?

Ah, com certeza, com certeza. A emoção não tem nem comparação com as outras apresentações que fazemos aqui. A gente até tenta passar aquela devoção aos santos, aquela cultura mesmo lá de Minas, mas não é a mesma coisa né?! A gente se apresenta aqui, não é uma apresentação, é mais um espetáculo. Lá não, lá a gente vai pra participar da festa, de uma festa religiosa, aí já é uma outra situação. Lá é a festa do Congo.

E quando volta lá vem essa lembrança?

Com certeza. E agora muito mais ainda. Que com o passar do tempo a gente vai perdendo os antigos. Hoje já não tem o meu pai, já não tem os meus tios, e sobrou só a minha tia e os primo, então aí a gente vai sentindo mais ainda né?! Essas perda e a gente vai vendo que o pessoal de hoje não vão se interessando tanto, não são tão devoto igual o pessoal de antigamente, a gente vai sentindo um pouco, mas a gente vai lutando pra ir pra ver se a gente vamu até onde a gente aguentar também né?! Porque a gente sabe que nada é eterno também né?!

Mas qual a sua função na Congada? Você faz o que lá?

Eu sou da bateria.

Qual a importância da Congada hoje em dia pra você?

A minha maior importância que eu vejo na Congada é o seguinte, a gente tá passando pras criança, pros filho hoje, já tenho um neto que dança, minha filha dança. Então a gente se preocupa muito em ter a família muito unida, sempre unida. Igual nós somos em oito irmãos, então nós sempre andamo. Nós temo o Ditinho que mora mais longe daqui, mora aqui a uns 200 metros, o restante mora eu aqui, minhas irmã, meu irmão, então a gente teno a Congada como a base familiar pra gente. A gente tá sempre unido e vai passando pros netos. Todo mundo se restringe a casa da minha mãe e eu acredito muito que seja por causa da Congada essa união nossa, a Congada fortaleceu mais ainda.

Lizia Souza de Oliveira, São Bernardo do Campo, 12 set. 2015.

Eu nasci e me criei na Bahia né?! Quando cheguei aqui em São Paulo, isso aqui era só barraco, não tinha casa, era barraco. Quando nós compro esse terreno, parede meia com a casa deles também, era barraco, não era casa. O pai dele que construiu a minha casa. Ele, meu esposo e o Zé que ajudava né?! Ele fez minha casa, a casa debaixo, depois a casa de cima e a gente é assim, criado tudo junto. Família, os menino era tudo pequenininho. Dito era rapaizinho jovem, o Luiz que é o esposo da minha filha, então a família reunida, um casou com a minha filha e nós somo a família completa. E todo ano eu vou pra Cordislândia, só seu tive doente que eu não vou. Eu gosto muito, tem meus neto né?!

A senhora começou a dançar ano passado?

Foi, porque eu nunca dancei.

Aí eles convenceram?

Não sei, eles gostaram. Eu tava meio abatida né?! Porque tem pouco tempo que eu perdi meu esposo, agora fez dois ano que ele morreu, aí eu falei: vou sair pra distrair a cabeça um pouco né?! E pra me divertir eu resolvi acompanhar eles. Aí eu viajo, pra tudo quanto é lugar que vai eu vou, mas eles, alegre né?!

Ah é, tem que sair e ocupar a cabeça né?!

Ditinho: pra nós foi surpresa né, quando ela começou a dançar. Aí a filha dela pegou e emprestou a farda pra ela.

Mas a senhora não é de Cordislândia né?! É da Bahia, mas a senhora sente alguma diferença quando vê eles se apresentando em Cordislândia, a senhora acha que lá eles ficam mais emocionados do que quando se apresentam em outro lugar? Como que a senhora de fora, que não é de lá, vê isso?

Ah eu gosto de lá sabe?! Adoro, nossa, é tudo pra mim ali.

A senhora também se sente emocionada em Cordislândia?

Ai nossa, tem a família dele que mora lá também. Adoro. Se eu pudesse eu vivia viajando direto pra lá. Cordislândia é bom demais, nossa. O povo que mora lá também, são umas pessoa bacana né?! É minha família né?! Que é aqui mesmo em São Paulo a família que eu tenho é eles aqui. Eu tenho irmão, irmã, mas não mora aqui, mora no estado de Minas né?! Longe, uma mora em Belo Horizonte que é minha irmã mais nova né?! E tem meu irmão que mora em Teófilo Otoni. A família mesmo perto que eu tenho é eles aqui que eu considero como a minha família. Tem a cumadi Cotinha que pra mim é uma mãe que tenho. Eu não tive mãe e nem pai, faleceram quando eu ainda era jovem, então eu trato ela como a minha própria mãe né?! Eu gosto demais da dona Cotinha. Ela ajudou até criar meus filho né?! Mas é muito bom sabe?! Demais. Eu me sinto bem, mais forte, quando eu vou pra Minas né?! E eu vou esse ano de novo né?!

Marinalva Souza de Oliveira, São Bernardo do Campo, 12 set. 2015.

Minha filha de 25 anos e meu neto de 4, tudo dança na Congada. Ela dançou na minha barriga, depois ele na dela.

Você está na Congada há quanto tempo? Desde que surgiu você começou a se apresentar?

Não. Desde que eu comecei a namorar com o irmão dele, desde os 13 anos de idade. Foi também um meio de ficar mais perto dele né?! Tinha vez o pessoal saía pra ir pra Congada e meu pai não deixava eu ir, eu ficava lá na janela chorando, tinha viagem e eu não podia ir, ficava lá chorando, todo mundo indo viajar e eu ficava. Não tem jeito, e eu to até hoje graças a Deus.

E você nasceu aqui em São Bernardo?

Não, eu nasci na Bahia. Eu vim de lá com a minha mãe.

Eu estou focando muito nesse meu trabalho do TCC da Pós, nessa questão de quem é de Cordislândia mesmo, o Ditinho que eu já entrevistei ele ano passado, qual que é a sensação quando ele se apresenta lá, se pra ele é diferente dos outros lugares, e para as pessoas que não são de lá, no caso você e sua mãe, se sente uma emoção diferente quando se apresenta lá e se sente da parte deles também. Se eles ficam mais emocionados?

Com certeza. É uma emoção pra gente. A gente fica o ano inteirinho falando da Festa do Rosário e quando chega no mês é aquela expectativa e correria pra comprar uma roupa nova, um sapato novo, tudo por causa da festa né?! Tanto também porque tem a tia nossa lá, tinha os tios que já foram também, tem a tia Nona, mas é a devoção da gente mesmo, é aquela festa, a gente foca só naquela festa. Fica o ano inteirinho falando da festa: ah a Festa do Rosário, a Festa do Rosário. Tem as outras apresentações mas não é a mesma coisa do que Minas, você ficar os quatro dias lá dançando.

Vocês ficam os quatro dias lá?

Isso. Os quatro dias, aí tem o pessoal que volta no domingo né?! Uns pegam atestado, outros mentem que tão com conjuntivite, outros pede folga no serviço. Que nem, eu trabalho com meu irmão, mas meu irmão sabe que todo ano nessa época eu falto os dois dias, que é a segunda e a terça eu falto. Meu irmão sabe que tem que me dá esses dois dias, se não dá eu falto. Aí tem a

minha filha que trabalha também, e quando ela tava trabalhando se deu o dia de viajar e ela não consegue a falta, ela taca um atestado.

Você sente que a sua filha que tem 25 anos, o seu neto, eles não pegaram desde o início da Congada, eles já pegaram depois de muitos anos. Mesmo depois anos, você sente que pra eles também é diferente lá?

Eu acho que ainda é mais diferente pra eles do que pra gente. Parece que pra eles hoje em dia, eles gosta mais do que a gente. As vezes a gente fala assim: a gente vai mais por obrigação, mas eles vão por devoção mesmo. A minha filha é apaixonada, o meu netinho você precisa de vê ele tocando. Ele toca, dança, com 4 anos, fez 4 anos agora. Tá no sangue né, porque o pai dela, a mãe, a família toda, e ele também né?! Ele não tem mais o pai dele, o pai dele é falecido tem 3 anos, mas tá no sangue né?! Tá na veia. Ele fica desesperado quando tem apresentação, ele não vê a hora do ônibus chegar pra poder ir, de colocar a farda dele. Ele fica: vamo mãe, vamo mãe, você tá atrasada, coloca a farda, o ônibus já chegou! E não foi ninguém que pego na mão dele pra ensinar a tocar não.

E me fala um pouco qual a importância da Congada pra você?

A Congada é tudo na nossa vida. É educação, cultura, é tudo. É o amor da vida da gente né?!

Paulo Fernandes de Oliveira, São Bernardo do Campo, 12 set. 2015.

Você é de onde?

Eu sou de São Bernardo.

Você conheceu eles como?

Namorando minha esposa né, irmã deles.

E aí desde que você conheceu ela e vocês começaram a namorar você já entrou na Congada?

Não. O primeiro contato que eu tive com a Congada foi em 82 e eu fui dançar em 83. Em 83 foi o primeiro contato que eu tive né, que aí a esposa falava: oh nós vamos dança Congada. E aí eu falei: mas o que que é isso aí? Eu nem sabia o que era, a cultura nossa é Folia de Reis. E como o Dito falou né, não tinha muita divulgação aqui em São Bernardo da Congada e nem da Folia de Reis também. E a primeira vez que vi o batuque, dança né, isso aí já tá no sangue. E aí o ritmo mexeu. Aí eu falei: vou entrar nesse negócio aí. É uma coisa que dá prazer né?! É prazeroso porque como meu sogro dizia: a Congada é pra levar alegria pras pessoas, mas a alegria que você leva, Deus te retribui ela, o triplo. Você fica muito mais feliz do que as pessoas que estão te vendo dançar né?! Tem a parte religiosa também né, que eu acho que é a mais importante, principalmente nas festas em Minas, eu acho que o vínculo religioso é muito forte. Tanto nas apresentações aqui, mas aí você já não tá fazendo aquela apresentação, não tem aquele vínculo como lá né?! Lá você tá louvando Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, então a parte espiritual tem um contexto maior.

Você vê essa diferença nas apresentações em Cordislândia e aqui?

Não que eu veja, pra mim é a mesma coisa, tanto faz dançar aqui ou lá, mas o pessoal tem uma visão diferente, as pessoas que tão assistindo. Porque o pessoal vê um grupo folclórico mas muitas pessoas não sabe que por trás disso a gente tá ali pra louvar Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Agora lá em Minas todo mundo já conhece e sabe desse vínculo.

Então você vê essa diferença por parte de quem tá assistindo?

Isso. Mas pra nós que tá ali dançando é a mesma coisa.

Você acha que pra família do Ditinho, pra Família Lemes, que é de Cordislândia mesmo, você acha que lá eles ficam mais emocionados do que aqui por exemplo?

Não, é o que eu to falando pra você, pra gente do grupo a emoção é a mesma, tanto faz aonde a gente estiver. Mas é inexplicável, tem algumas apresentações que a relação espiritual é maior, outras é menor, daí depende do local, depende do dia, de como você está no dia. E é difícil que nem ele tá falando, já tem mais de um ano que eu tô afastado. E esse ano eu não fui e é doloroso não ir porque é coisa que a gente gosta.

Ditinho:

Deixa eu interromper. Ele falou da emoção né, mas toda música que ele faz ele fala: essa nós vamo dança em Cordislândia. Então toda música que ele faz a estreia é em Cordislândia.

Paulo:

A emoção é uma coisa inexplicável, é uma coisa que deixa a gente muito feliz. Por você saber que você tá fazendo alguma coisa pro outro. Quando você se doa, você recebe em dobro. É o mandamento de Deus isso aí. Fazer por outro o que você gostaria que fizesse pra você. É uma coisa meio difícil, mas a gente vai aprendendo devagarzinho. No começo eu ia também só pra ir, mas na primeira festa que eu tive contato, aí você vê que muda.

Vilma Cunert Souza, São Bernardo do Campo, 12 set. 2015.

A senhora tá há quanto tempo na Congada?

Já tem uns 15 anos. Eu moro aqui na Paula Souza também lá na frente né?! Na Congada eu danço e a gente se fez muito família entendeu?! É uma família assim que nós adquirimos um com o outro, todo mundo tem um respeito muito pelo outro.

Qual a importância da Congada hoje em dia pra Senhora? Consegue não se imaginar mais na Congada ou não?

Ah eu acho que não porque, sei lá, cada vez que fala que não vô, ou não dá pra ir, ou as vezes tem algum problema, eu já me sinto assim meia, parece que vai faltar alguma coisa. Porque você vai, assim, é um grupo de Folclore, você vai ter mais conhecimento das coisas, você vai ter mais amigos, você vai conhecer mais lugares.

E a senhora já se apresentou lá em Cordislândia também né?!

Vô. Eu só num fui uma, acho que duas vezes só que nós num fomos.

A senhora sente que as apresentações lá são diferentes dos outros lugares?

Ah eu acho que fica sim porque a família, inclusive eles espera muito também né, a turma aqui de São Bernardo lá. Então é uma coisa assim sabe, que eles tão esperando, se sente mais família né?! Lá em Cordislândia eles se sentem mais em casa.

Apresentação da Congada do Parque São Bernardo na Festa do Rosário e São Benedito, em Cordislândia, Minas Gerais, em Julho de 2014.



Apresentação da Congada do Parque São Bernardo na Festa do Rosário e São Benedito, em Cordislândia, Minas Gerais, em Julho de 2014.



Apresentação da Congada do Parque São Bernardo na Festa do Rosário e São Benedito, em Cordislândia, Minas Gerais, em Julho de 2014.



Apresentação da Congada do Parque São Bernardo na Festa do Rosário e São Benedito, em Cordislândia, Minas Gerais, em Julho de 2014.



Ditinho emocionado ao se aproximar da casa do seu tio já falecido, Paulo Flausino. Especificamente nessa apresentação ele não dançou, mas foi a frente guiando todas as outras Congadas que se apresentavam na cidade de Cordislândia, inclusive a Congada do Parque São Bernardo.



Ditinho já em frente a casa do seu tio Paulo Flausino rezando e agradecendo a participação de todas as Congadas que estiveram presentes na Festa do Rosário e São Benedito de Cordislândia, em Julho de 2014.



Entrevista realizada com Ditinho em 20 de Julho de 2014.



